

Novo estilo seduz a esquerda

Senador se irrita com inimigo na Academia de Letras na Bahia e deixa a instituição

• BRASÍLIA e SALVADOR. Idolatrado na Bahia e reverenciado em Brasília por políticos de todos os matizes ideológicos, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL), está perdendo sua fama de mau que ganhou da esquerda. A imagem do político conservador não combina com as fotos dos últimos dias estampadas nos jornais: abraços afetuosos com o ex-guerrilheiro e hoje deputado Fernando Gabeira (PV-RJ), sorrisos e troca de afagos com João Pedro Stédile, líder do MST, que já o trata como um aliado na defesa do programa de reforma agrária, missa ao lado de dom Paulo Evaristo Arns.

— Ele é um bom aliado, que pelo menos manda. Estamos cansados de nos aliar a quem não manda — justificou Stédile.

O presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, diz que ele mesmo já bateu várias vezes na porta do gabinete de Antônio Carlos, sempre que precisou de um aliado forte para defender algum movimento que não encontra respaldo no Congresso.

No encontro com Stédile, o senador se auto-intituiu um “reacionário de esquerda”.

— Apesar de ser um cidadão de direita, ele respeita os movimentos populares. É muito respeitoso e, inevitavelmente, um ho-

mem de decisão quando a coisa está empancada. E o que é melhor: ele nos ouve e, sempre que pode, atende aos nossos pedidos. Isso acontecia também com seu filho, Luís Eduardo. Apesar das divergências enormes, sempre nos atendia — diz Vicentinho.

Antônio Carlos foi quem convidou Dom Paulo para celebrar a missa de encerramento da sessão legislativa no Senado. Emotivo desde a morte do filho, não escondeu as lágrimas quando o coral do Senado entoou cânticos religiosos. Foi aplaudido pela oposição na última semana, quando enterrou a tentativa dos governistas de ressuscitar a MP que criaria contribuições previdenciárias para aposentados e pensionistas. A figura do político que manda, que tem autoridade para brigar com o Governo, agrada também ao baixo clero no Congresso.

Já comprou duas brigas com o Itamaraty. Primeiro, recebeu uma delegação de parlamentares do Tibet depois de o Itamaraty se negar a recebê-los. Agora, intervém diretamente para conseguir o visto dos Estados Unidos para Fernando Gabeira.

— A imagem que eu tinha dele era a de um político antigo, com posições das quais eu discordava. Hoje eu o vejo como uma pes-

soa muito corajosa e generosa. Todas as vezes que o procurei, manteve sua palavra em tudo que acertamos. Eu o vejo com muito carinho. Não acho que esteja caminhando para posições diferentes das do passado, mas está dedicando esse momento da sua vida para uma atuação mais construtiva, sem brigar com ninguém — disse Gabeira.

Nem tanto. Antônio Carlos acaba de pedir o seu desligamento da Academia de Letras, da Bahia, onde está desde 1983. A causa foi a eleição para a academia de um inimigo, o jornalista e escritor Joaquim Cruz Rios.

— Não posso frequentar um ambiente em que ele esteja — disse o senador na carta que enviou à Presidência da Academia.

As desavenças entre o senador e o jornalista começaram há dois anos. Nomeado no segundo Governo Antônio Carlos para ser assessor do Desenbanco (versão baiana do BNDES), ele foi exonerado, com outros carlistas, no Governo Waldir Pires, então no PMDB, sob a acusação de ser funcionário fantasma. Rios processou o Desenbanco e acabou ganhando o direito a uma indenização de R\$ 2 milhões. Só que a decisão saiu no Governo Paulo Souto, discípulo de Antônio Carlos. O pagamento ainda não saiu. ■